DISCURSOS
E
CONFERÊNCIAS

Demócrito Rocha (*)

Luís Sucupira

Dedica-se o Instituto do Ceará, nesta reunião, a prestar uma homenagem de saudade a um dos seus membros, falecido em 29 de novembro de 1943, e que veio ao mundo em 14 de abril de 1888. E daí a razão de ser desta rememoração, destinada a comemorar o centenário de antigo companheiro, numa demonstração leal de que seu nome continua lembrado e se faz merecedor de um enaltecido recordar.

Empossou-se Demócrito Rocha, como sócio efetivo deste Instituto, no dia 6 de janeiro de 1943, eleito para uma das vagas criadas na reforma do Estatuto desta Casa, juntamente com Antônio Martins, Joaquim Alves e Luís Sucupira. Os quatro foram recebidos em sessão especial no mesmo dia, dando-lhes as boas vindas o **venerando** homem de letras Misael Gomes da Silva, portador dos quatro mais dignificantes títulos que exornam as atividades profissionais de homem culto: sacerdote, militar, doutor e professor.

No seu discurso aos recipiendários, classificou o orador a Demócrito Rocha como "um astro em busca do centro de gravitação na direção do Infinito". E isso porque, na verdade, trazia Demócrito Rocha uma luminosa esteira de abrilhantado renome, conquistado no embate com os homens e com os acontecimentos, através disso armando-se cavaleiro de grande figura, galgando, com inteligência, com talento e muito denodo posições as mais destacadas nos vários setores em que se fez notado e conseguiu vencer.

E não é sem exagero afirmar que começou do nada. Vindo ao mundo na vetusta cidade de Caravelas, no extremo litoral sul baiano, foi lançado, infante ainda, na orfandade total, com o falecimento da mãe seis meses após o nascimento e do pai, quando ainda não completara os quatro anos de idade.

Quanto ao nome recebido na pia batismal, não é duvidoso admitir que seu genitor freqüentava as letras clássicas. Tanto assim que a outro filho chamara Heráclito, recordando o filósofo grego da Escola Jônica, para quem o fogo era o elemento principal da matéria, submetida a uma transformação perpétua. Agora preferia lembrar Demócrito, outro filósofo grego, mas da Escola Atômica, que se colocara em oposição a Heráclito e via no ser uma infinidade de átomos, partículas externas, infinitamente pequenas e indivísiveis.

Graças a uma tia, não ficou o menino em completo abandono, que o levou para a cidade de Salvador. Ali enfrentou ele, desde **tenra** idade, as agruras de uma existência atasanada pela pobreza. Isso forçou a buscar trabalho, desde os onze anos, conseguindo-o como aprendiz operário nas oficinas da Estrada de Ferro Bahia-Minas, no ofício de ajustador. Muitas vezes, porém, quando faltava bronze para as máquinas, metia-se a torneiro. E como executava as tarefas com presteza e competência, alcançou o lugar de ajudante mas ganhando apenas a diária de 500 réis e só folgando aos domingos, após um trabalho diuturno de 9 horas.

Na intenção de melhorar de sorte, mesmo porque já lhe fervilhavam nos pensamentos desejos de emprego mais decente, botou-se para a cidade de Aracaju, em 1904, enfrentando, aos 16 anos, sozinho e em meio desconhecido as agruras da luta pela vida.

Inteligente, vivo, decidido, dispôs-se a freqüentar os meios estudantis, propondo-se a fazer os chamados preparatórios ou exames de madureza, a fim de matricular-se numa escola superior.

Foi nessa convivência com a juventude estudiosa que travou conhecimento com o jovem Jackson de Figueiredo, que, apesar de mais moço três anos, exerceu influência **imarcessível** em toda a sua futura existência. Foi de Jackson que aprendeu ele a enfrentar as situações mais difíceis sem esmorecer ou encarar sacrifícios nem prevenir conseqüências. Jackson, no depoimento de um também seu colega, Tasso da Silveira, com quem viveu no dia-a-dia pela luta pelo espírito, era para ele "um verdadeiro bólido misterioso, que atravessou a nossa atmosfera espiritual, nela provocando precipitados de forças ignoradas e adormecidas". E tão fecunda era sua presença no convívio dos amigos e companheiros, que, mesmo depois de seu trágico falecimento, des-

pencando-se das pedras da Tijuca, no Rio, no mar embravecido, quando se entregava ao prazer de uma pescaria, que continuou sempre viva, no coração e na memória, a sua providencial sabedoria, a sua máscara de humanismo, a sua fisionomia cativante, apesar dos traços fortes que nela cavavam sombras.

E, por isso, para Demócrito, a palavra de Jackson, no testemunho de Paulo Sarasate, surgia sempre ameigada pela distância e pelo tempo, nos transes dolorosos de sua vida, quando em seu redor parecia formar-se um vácuo intransponível.

Foi dominado por essa vontade férrea de vencer, que conseguiu ultrapassar os exames vestibulares na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Sergipe, passando a freqüentar o seu primeiro ano de curso superior.

Ocorreu, porém, que nesse mesmo ano em que assumiu um lugar ao sol da vida acadêmica, mesmo atormentada no início, como era de praxe, pelos tradicionais trotes, que tanto atingiam a personalidade humana, foi aberto um concurso para o Telégrafo Nacional, então ainda não geminado com a Repartição dos Correios. Inscreveu-se na **justa** e conseguiu aprovação, tendo sido mandado servir na cidade de Fortaleza, capital do Ceará. Aqui chegou em 1912, tendo abandonado, sem discrepância, os estudos que tantos labores e sacrifícios lhe custaram, preferindo, porém, o amparo e a garantia de uma função sabidamente árdua mais que assegurava garantia e estabilidade no futuro.

Contava 24 anos, já, portanto, amadurecido em idade.

Nesse tempo, na repartição do Telégrafo, numerosa turma de funcionários manipulava ininterruptamente os aparelhos Morse e Baudot, para a comunicação com todo o País, inclusive o interior do Estado. E nessa turma encontravam-se rapazes de boa formação literária, destacando-se entre eles Antônio Furtado, Tancredo de Morais, Flósculo Barreto, Euclides César, Raul Memória, Waldemar Falcão e Hugo Vítor Guimarães. Demócrito não foi designado para operar nos aparelhos, mas indicado para trabalhar no escritório geral, como Encarregado da Contabilidade. Isso lhe proporcionava mais oportunidade para continuar seus estudos, conseguindo transferir sua matrícula na Faculdade de Odontologia de Sergipe para a de Fortaleza, recém-fundada em 12 de março de 1916.

Concluído o curso em 1921, chegou mesmo a abrir consultório, mas posteriormente abandonou o boticão, não só por ter preferido entregar-se às atividades literárias, empolgando-se especialmente nas lides plumitivas, de que se tornou figura proeminente, como também por ter conquistado a cátedra de Higiene na Escola de Farmácia e

- Odontologia.

Talvez por modéstia ou receoso de possíveis fracassos, assinava suas produções literárias com pseudônimos, sendo os principais Antônio Garrido ou Barão de Almofala.

Chegou a ocupar o posto de Diretor Literário no jornal "O Ceará". Aconteceu que o diretor do mesmo entrou em conflito com as autoridades eclesiásticas, a quem passou a ofender com palavras ofensivas em artigos e reportagens, a ponto de estas tomarem a decisão de lançar sobre o jornal condenação canônica. Talvez não se sentindo bem em dar sua colaboração a um órgão que se tornara indesejável nos meios católicos, decidiu Demócrito Rocha fundar seu próprio jornal, embora para tanto só dispusesse de coragem e contando com a cooperação de numerosos amigos que se dispuseram a apoiar-lhe a pretensão. E foi assim que no dia 7 de janeiro de 1928 passou a circular em Fortaleza mais um periódico com o nome de O POVO, nome esse resultado de um plebiscito que despertou grande entusiasmo. Na verdade, era preciso muito sacrifício e muita ousadia para lançar mais um órgão na imprensa citadina, justamente numa quadra em que superabundavam os veículos de publicidade, tanto matutinos como vespertinos, todos de manutenção precária e frágil situação financeira. A cidade mal contava 100 mil habitantes e o índice de analfabetismo era bem elevado. Assim pouco podiam contar os jornais com apoio e incentivo de numerosos leitores. Na sua maioria a imprensa em circulação era porta-voz de organizações político-partidárias, e como não havia outros incentivos de maior interesse para o reduzido número de leitores, eram os assuntos atinentes a essas organizações que mais atraíam a atenção geral. Apesar disso circulavam em Fortaleza naquele decênio em que Demócrito Rocha decidiu lançar o seu jornal, muitos outros, como o "Correio do Ceará", "Jornal do Comércio", "O Dia", "Jornal Pequeno", "Diário do Estado", "Folha do Povo", "Unitário", "O NORDESTE", "Imparcial", "O Debate", "O Democrata", "A Esquerda" e "Gazeta de Notícias". Graças à simpatia conquistada como jornalista, tanto nos meios populares como nas classes mais elevadas, de quem se tornara conhecido e aplaudido com a direção da revista "Ceará Ilustrado", surgido em 1924 e que chegou a merecer do sisudo Barão de Studart o elogio de ser "a melhor revista literária do Estado", conseguiu o novo jornal conquistar fácil situação, com boa tiragem. Para firmar-se nessa posição, de certo modo faustosa e tranqüila, enfrentou, porém, Demócrito Rocha vicissitudes às vezes julgadas intransponíveis, o que ameaçava ensarilhar as armas. Reagia e reanimava-se porém, e, como no seu celebrado poema, morrendo e resistindo, con-

seguiu vencer os simuns perigosos e construir um sólido monumento, apoiado pela consagração popular. Isso permitiu não só aquisição de sede própria como instalação em modernos maquinismos, passando o jornal a ocupar lugar destacado, como autorizado órgão de divulgação e comunicação.

Depois de sua morte, a empresa não sofreu solução de continuidade. Antes continuou prosperando e desenvolvendo-se, dirigida sucessivamente pela sogra de Demócrito, Creusa Rocha, pelo genro Paulo Sarasate, pela filha viúva, Albaniza Sarasate, encontrando-se atualmente nas mãos do sobrinho Demócrito Dummar.

Enquanto isso, todos os jornais que vinham circulando quando do aparecimento de O POVO, submergiram na voragem dos tempos e no mar do esquecimento, não existindo um só deles em nosso dias.

Não resta dúvida que foi o jornal O POVO que deu a Demócrito renome e importância e prestígio, não só literário como político, a ponto de conquistar uma cadeira de deputado na Câmara Federal, em eleições de 1935, e passar, mais tarde, a pertencer aos quadros do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras.

Infelizmente foi meteórica a sua passagem pela Casa do Barão de Studart. Aqui ingressou em janeiro de 1943, mas somente pôde comparecer às sessões de posse e dos dias 20 de março e 5 de abril. Forçado a acamar-se no meado deste mês, com o agravamento da insidiosa moléstia que de há tempos lhe vinha minando os pulmões, teve que afastar-se definitivamente de qualquer atividade que mais enfraquecesse suas dessoradas energias físicas.

Ainda assim não entregou os pontos decisivamente. Talvez sob a ação daquelas **forças misteriosas** que animam os moribundos, e que recebem do povo o nome de "visita da saúde", conseguiu escrever ainda três artigos, publicados no O POVO de 3, 9 e 18 de setembro de 1943. Este último foi realmente o seu canto do cisne e a despedida de quem já se considerava "fora do planeta", desde meados de abril, como chegou a dizer. E, embora sem referir-se à morte, que lhe rondava a cabeceira, escreve que "ela chega-se aos poucos, indo e vindo, avançando e recuando, com a constante ameaça de voltar bruscamente ao ponto de partida".

Narrando seus últimos instantes, o genro e companheiro de lutas e triunfos, Paulo Sarasate, que graças, ainda, ao prestígio que lhe dava O POVO, foi deputado estadual, deputado federal, governador do Estado, falecendo senador da República, testemunha: "O final ocorreu no dia 29 de novembro, na melancolia de um fim de tarde". E conclui quase soluçante: "A um golpe mais violento da moléstia, e do **Desti-**

no, Demócrito pôs de lado o jornal que estava lendo e proferiu baixinho suas últimas palavras. Não tão baixo que só as pudessem ter percebido a esposa e as filhas que se encontravam ao seu lado. Apenas os olhos ainda eram uma despedida e uma saudade". E ele murmurou: "A guerra está ganha. Só falta a minha saúde!", acrescentanto daí a pouco, num esforço angustiado de quem não quer morrer: "Meu Deus!". Cinco minutos estava morto".

O Instituto do Ceará, no trigésimo dia do seu falecimento, realizou imponente sessão fúnebre, para relembrar a data, tendo como orador o enaltecido autor da "História da Literatura Cearense", o já também falecido Dolor Barreira. Lamentando o desaparecimento do companheiro, disse ele que o Instituto tinha muito que esperar da **cerebração** de Demócrito Rocha e dos grandes serviços que ele, ainda na **plenitude** de sua força intelectual, "estava em condições de prestar vitoriosamente". E isso após ter afirmado que "a passagem de Demócrito Rocha na terra foi uma luta ininterrompida e pugnaríssima. De resto esta mesma expressão marcou de maneira funda a vigorosa vida de seu espírito, a vida frementemente vivida das suas idéias e dos seus ideais, que foi também um combate incessante em prol de umas e de outros, e, não raro, coroado de assinalados triunfos!".

O Arcebispo de Fortaleza, D. Antônio de Almeida Lustosa, que, no Ceará se fez notado e **admirado** pela sua grande modéstia, que encobria uma santidade irradiante e uma cultura literária explendente, e que foi eleito para ocupar, no Instituto do Ceará, a vaga deixada por Demócrito Rocha, no seu discurso de posse, na sessão de 29 de maio de 1944, afirmou que foi ele, "sem dúvida um orientador. Venceu a impermeabilidade de nosso meio social, já bastante cosmopolita e entressachado de elementos estranhos, e dividido por mil interesses diversos. Conseguiu empolgar o sentimento intelectual nos nossos dias, a ponto de arrastar o pensamento da época na esteira de sua pena, que tem méritos indiscutíveis.Demócrito foi um guia. Era de se admirar sobretudo a policultura da sua pena ágil e douta". E concluía o eminente Arcebispo: "Tenho grande prazer em prestar minha homenagem ao meu ilustre antecessor. Sim, porque, como bispo, devo-lhe um grande e precioso conforto. Não foi sem justíssimo alvoroço que vi esse homem de talento voltar ao seu caminho e prostrar-se aos pés do seu Deus com toda a sinceridade de uma grande alma. O Divino Mestre diz que o pastor mais se rejubila com a volta de uma ovelha tresmalhada do que com a perseverança de outros noventa e nove. O Deus da verdade atraiu a sua grande inteligência que regressou ao aprisco da Fé".

O Ceará acompanhava os seus arrebatamentos passionais e ainda hoje se emociona na recordação de sua movimentada e efervescente existência. Não era cearense. Veio da Bahia, que não lhe ofereceu os meios e as oportunidades, encontradas entre nós para ocupar um lugar ao sol. Se lá tivesse ficado bem poderia ter visto **fenecerem** desanimadas as aspirações gloriosas que lhe prometia a sua vocação de vencer, de criar, de subir. No nosso convívio, porém, não somente recebeu acolhida fraternal, amparo amigo e animador, traçou relações agradáveis, como passou a sentir-se em casa, como se aqui houvesse nascido, fazendo-se cearense não só de coração mas de consciência, aqui constituindo família, entrosando-se valoroso no meio social, conquistando galhardamente posições políticas, cultivando amizades duradouras. E ele soube corresponder na altura de suas potencialidades criadoras a esse acolhimento carinhoso, retribuindo-o com serviços e dedicação, com o melhor do seu bem querer e o mais sincero do seu devotamento.

E esta homenagem, partida dos mais representativos vultos da inteligência e da cultura cearense, quarenta e seis anos após o falecimento de Demócrito e no centenário do seu nascimento, é a prova de quanto lhe sabemos guardar a memória e prestar culto a seu trabalho em prol da nossa terra e da nossa gente.

(*) Pronunciado no transcurso do centenário de nascimento de Demócrito Rocha, a 14 de abril de 1988.